

NOTAS SOBRE O PROBLEMA DA GÊNESE E DA ESTRUTURA: O JOVEM DERRIDA LEITOR DE HUSSERL

Jonas Mur¹

RESUMO

Este artigo pretende analisar a leitura crítica do jovem Derrida, na década de 1950, sobre o itinerário da obra de Husserl. Em um primeiro momento, pretende-se mostrar o que Derrida entende por problema da gênese e da estrutura no interior da fenomenologia. Em um segundo momento, este problema inicial se desenvolve com o fechamento na geometria, a possibilidade de abertura no noema e na *hilé* e a segmentação em três vias genéticas. Conclui-se mostrando o estado de inacabamento do programa fenomenológico husserliano que se direciona a uma metafísica histórico-teleológica.

PALAVRAS-CHAVE

Derrida; Husserl; fenomenologia; gênese; estrutura.

ABSTRACT

This article analyzes the critical reading of the young Derrida, in the 1950s, on the itinerary of Husserl's oeuvre. Firstly, it aims to show what Derrida means by the problem of genesis and structure within phenomenology. Secondly, this initial problem is developed with the closure in geometry, the possibility of opening in the noema and the hyle and the segmentation into three genetic routes. It concludes by showing the unfinished state of Husserlian phenomenological program that is directed towards a historico-teleological metaphysics.

KEYWORDS

Derrida; Husserl; phenomenology; genesis; structure.

1 Bacharel e licenciado em Filosofia pela USP. Mestre e doutorando em Filosofia pela Unifesp. Bolsista Capes. Membro do Laboratório de Filosofia Francesa Contemporânea da Unifesp.

Introdução

Como se sabe – quanto à recepção – as primeiras leituras e interpretações dos textos de Jacques Derrida no Brasil ocorreram no interior da teoria e crítica literária, quando nas décadas de 1960 e 1970 se importou algumas correntes teóricas, cujo núcleo de sustentação se fundamenta na linguagem, o que é central para a análise e a crítica de fenômenos caros às ciências humanas, tal como se observa nos diversos usos do estruturalismo e da semiótica. Portanto, as suas primeiras traduções brasileiras, como *A escritura e a diferença* de 1971 e *Gramatologia* de 1973, foram lançadas pela editora Perspectiva, célebre na importação de tais correntes. A seguir, em 1975, o professor Silviano Santiago da Pontifícia Universidade Católica do Rio Janeiro, junto com vinte e um dos seus alunos de pós-graduação do Departamento de Letras – devido às notórias dificuldades em decifrar a escrita críptica e labiríntica derridiana –, decidem organizar um belo e minucioso *Glossário de Derrida*². Assim, o filósofo franco-argelino, com o passar dos anos, foi aos poucos sendo apropriado inicialmente pelos estudos literários, sendo posteriormente difundido, sobretudo, para outras áreas das humanidades. Atualmente, essa recepção de Derrida, no entanto, encobre algumas partes importantes da sua produção tradicionalmente filosófica, o que nos remete à sua própria formação rigorosa na história da filosofia. Não se trata aqui de desvelar um *novo Derrida*, mas de investigar, com maior profundidade, as raízes fenomenológicas do seu pensamento. Curiosamente, o seu distinto comentário de filosofia *A voz e o fenômeno: introdução ao problema do signo na fenomenologia de Husserl*, cuja escrita lhe dera orgulho, quase não se tornou um mero anexo³ de *Escritura e a diferença* ou *Gramatologia*, três obras que foram publicadas originalmente na França no mesmo ano de 1967. Conforme o interesse editorial brasileiro da época, o comentário de Edmund Husserl parece ter sido ignorado, sendo necessário aguardar até 1994 por uma tradução realizada com a editora Jorge Zahar⁴. Não nos espanta que o duradouro relacionamento de Derrida com a fenomenologia de Husserl

2 Cf. SANTIAGO, 1976, pp. 5-7.

3 Em uma entrevista de 1967, Derrida expõe o seu programa da desconstrução, apresentando um estudo de caso *exemplar* na história da filosofia, a fenomenologia transcendental de Husserl: “É, talvez, o ensaio ao qual tenho mais apego. Sem dúvida, eu poderia tê-lo anexado, como uma longa nota, a qualquer das duas outras obras. A *Gramatologia* faz referência a ele, desenvolvendo o seu argumento de forma econômica. Mas em uma arquitetura filosófica clássica, *A voz* viria em primeiro lugar: nele se põe, em um ponto que [...] parece juridicamente decisivo, a questão do privilégio da voz e da escrita fonética em suas relações com toda a história do Ocidente, tal qual ela se deixa representar na história da metafísica, e em sua forma mais moderna, mais crítica, mais atenta: a fenomenologia transcendental de Husserl?” (DERRIDA, 2001, p. 11, grifos do autor).

4 Esta tradução não recebeu mais reimpressões e infelizmente está esgotada. No entanto, tem-se fácil acesso à tradução portuguesa pelas Edições 70, cuja primeira publicação data do ano de 1996.

não seja – pelo menos entre nós, os brasileiros – evidente, o que esperamos desenvolver nestas notas que ora lhes apresentamos ao trazer alguns aspectos de uma pesquisa em andamento sobre esse período pouco explorado da obra derridiana. Os textos desse *jovem Derrida* parecem demasiado estranhos quando comparados aos seus textos maduros, e é por causa dessas diferenças estilísticas no interior da obra desse autor que estas notas pretendem esboçar alguns elementos de *Derrida antes de Derrida*⁵. Para os textos derridianos não traduzidos, manteremos os seus respectivos títulos em francês; quanto aos já traduzidos, eles naturalmente serão citados em português. Essa regra também valerá quando mencionarmos alguns títulos de Husserl, isto é, dentre os não traduzidos em alemão e os traduzidos em português.

Considerando o ponto de vista da história da filosofia, pretendemos retroceder a um pensamento filosófico inserido nos debates acadêmico-intelectuais franceses do pós-guerra, sobretudo nos primeiros anos da década de 1950. O jovem Derrida, naquele momento, se aproxima de uma fenomenologia cada vez mais epistemológica e científica (BARING, 2019), o que, por sua vez, o afasta de uma fenomenologia existencial *à francesa*, tal como se desenvolvera nas décadas de 1930 e 1940 por Jean-Paul Sartre e Maurice Merleau-Ponty. Na França daquele período, pelo menos até 1954, era necessário um grande esforço para os estudiosos interessados acessarem os inúmeros textos de Husserl, uma vez que para eles havia somente duas traduções disponíveis em língua francesa⁶, poucos inéditos publicados até aquela data, além do empecilho para consultar os inúmeros manuscritos nos Arquivos Husserl da Universidade Católica de Louvain. Para aquela geração estudantil de então, a fenomenologia estava invariavelmente atrelada, por um lado, ao existencialismo francês muito bem estabelecido e, por outro lado, à figura de Martin Heidegger. Nesse afã de *retornar a um Husserl*⁷ mais científico, sem precisar passar pela intermediação de outros

5 Expressão de Javier Bassas Vila: *Derrida antes de Derrida. Sobre la escritura y el origen dialéctico de la « diferencia »*. É ele também quem denuncia a carência de estudos nos escritos de Derrida dedicados a Husserl: “No entanto, *O problema da gênese* [texto de 1954] dificilmente foi objeto de estudo por si mesmo, nem mesmo objeto de comparação com outras obras do mesmo autor. O destino das obras derridianas que se centram no pensamento husserliano, compreendidas entre 1954-1967, é muito irregular” (VILA, 2015, p. 301, grifos nossos e do autor, tradução nossa). No original: “*Sin embargo, El problema de la génesis apenas ha sido objeto de estudio por sí mismo ni objeto de comparación con otras obras del mismo autor. El destino de las obras derridianas que se centran en el pensamiento husserliano, comprendidas entre 1954 y 1967, es muy desigual.*”

6 Pelo menos das grandes obras, encontravam-se apenas traduzidas ao francês desde 1931 as *Meditações Cartesianas* e desde 1950 *Ideias I* (cf. DERRIDA, 1990, pp. 285-287).

7 Expressão de Louis Althusser, docente da *École normale supérieure*, que, ao escrever sobre o ensino de filosofia na França em 1954, as pesquisas dos jovens em direção a uma fenomenologia *científica* beneficiaria o marxismo: “O fenômeno mais interessante dos últimos anos é, sem dúvida, o novo interesse que os jovens filósofos têm hoje aos problemas científicos, o favor de que o marxismo se beneficia nesta ocasião,

autores, o jovem Derrida se torna um dedicado leitor da sua obra, quando é rigorosamente treinado como comentador e historiador da filosofia na *École normale supérieure* entre os anos de 1952 e 1956⁸. Em 1954, a fim de cumprir os requisitos acadêmicos que permitem acessar o *concours d'agrégation*, era antes necessário ao *normalien* redigir uma *mémoire* para obter o *Diplôme d'études supérieures* (DES)⁹. Derrida, então, dedica essa monografia a Husserl com o nome de *Le problème de la genèse dans la philosophie de Husserl*. Ele mesmo, em 1990, testemunha esse período:

Este trabalho corresponde ao que então se chamava uma *mémoire* para o *diplôme d'études supérieures*. Eu o preparei em 1953-1954 sob a orientação amável e vigilante de Maurice de Gandillac, professor na *Sorbonne*, quando era aluno do segundo ano da *École normale supérieure*. Nesse mesmo ano, graças a M. de Gandillac e ao Padre Van Breda, pude consultar alguns inéditos de Husserl nos *Archives* de Louvain (DERRIDA, 1990, vi, grifos nossos, tradução nossa¹⁰).

e mesmo entre os estudantes ou jovens professores que sofrem a influência do idealismo fenomenológico, o abandono cada vez mais nítido do existencialismo e o 'retorno a Husserl', com as suas teses racionalistas, com a sua teoria das ciências (nota-se até um renovado interesse pelo pensamento de Brunschvicg). Vemos, portanto, muitos espíritos pesquisarem no interior do próprio idealismo um recurso contra as formas menos rigorosas da filosofia moderna" (ALTHUSSER, 1954, p. 860, grifo do autor, tradução nossa). No original: « *Le phénomène le plus intéressant des toutes dernières années est sans doute le nouvel intérêt que les jeunes philosophes portent aujourd'hui aux problèmes scientifiques, la faveur dont le marxisme bénéficie à cette occasion, et même parmi les étudiants ou les jeunes professeurs qui subissent l'influence de l'idéalisme phénoménologique, l'abandon de plus en plus net de l'existentialisme et le « retour à Husserl », à ses thèses rationalistes, et à sa théorie des sciences (on note même un renouveau d'intérêt pour la pensée de Brunschvicg). On voit donc de nombreux esprits rechercher à l'intérieur de l'idéalisme lui-même un recours contre les formes les moins rigoureuses de la philosophie moderne.* »

8 Cf. BARING, 2019, pp. 113-188; PEETERS, 2013, pp. 91-114.

9 Para quem não conhece, o *concours d'agrégation* é um prestigioso concurso com o objetivo de recrutar professores ao ensino secundário e superior; para prestá-lo, exigia-se a *Licence* (equivalente a graduação) e o DES. Quem é aprovado recebe o título de *agrégé*. De difícil transposição a fim de comparar com o nosso sistema de ensino superior, Evando Nascimento, o revisor técnico para a tradução da biografia de Derrida redigida por Benoît Peeters, traduz a *mémoire* como "dissertação de mestrado" (cf. PEETERS, 2013, p. 100). No entanto, consideramo-la parcialmente inadequada, pois a realização da *mémoire* durante o percurso na *École*, também se assemelha ao que entendemos por monografia ou trabalho de conclusão de curso, uma vez que é realizada *durante* a graduação e não *após* a conclusão desta, tal como se entende nas nossas dissertações de mestrado. Eis que Derrida entrega a sua *mémoire* em 1954, enquanto permanece estudante da ENS até 1956. Para concluir, o nome completo desse título em francês é *mémoire pour le Diplôme d'études supérieures* (DES). Além do acesso ao *concours d'agrégation*, também fornecia aos estudantes um diploma de iniciação à pesquisa.

10 No original: « *Cet ouvrage correspond à ce qu'on appelait alors un mémoire pour le diplôme d'études supérieures. Je le préparai en 1953-1954 sous la direction bienveillante et vigilante de Maurice de Gandillac, professeur à la Sorbonne, alors que j'étais élève de deuxième année à l'École normale supérieure. Grâce à M. de Gandillac et au P. Van Breda, j'avais pu, au cours de la même année, consulter certains inédits de Husserl aux Archives de Louvain.* »

Oito anos depois, em 1962, já professor *agregé* e não mais estudante, continua a contribuir para o estudo crítico e tradução das obras de Husserl na França, traduzindo *L'origine de la géométrie* de Husserl – um manuscrito anexo à *Crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental* – e prefaciando-a com uma longa *Introduction*¹¹. Portanto, ao tomarmos de empréstimo uma expressão de Jean-Michel Salanskis (2015), podemos sugerir que o *pensamento central* de Derrida – este que se instaura em 1967, como já dissemos, ano de publicação de *Escritura e a diferença*, *Gramatologia* e *A voz e o fenômeno* – nasce de uma leitura crítica e profunda da fenomenologia de Husserl. Neste artigo, procuramos trazer algumas das análises derridianas naquele período de jovem estudante, assinalando o que ele entende como o *problema da gênese e da estrutura* a partir de dois textos, a saber, o já mencionado *Le problème de la genèse dans la philosophie de Husserl* e sobretudo o ensaio “*Gênese e estrutura*” e *a fenomenologia*, de 1959¹², cujo texto nós nos dedicaremos a uma análise detalhada.

A partir de uma exposição e análise *interna* da filosofia como sistema, Derrida apresenta a fenomenologia de Husserl tal como tradicionalmente na França se interpreta e comenta as obras filosóficas. Desde meados do século XIX, a *história da filosofia* foi sendo gradativamente transformada em uma disciplina acadêmico-científica; e, no caso específico de Derrida, há inclusive uma apropriação de Henri Bergson (este, um mestre espiritual de algumas gerações francesas no século XX) ao conceber a obra como uma materialização a partir de uma orientação espiritual engendrada no itinerário do autor-filósofo, isto é, uma *intuição*¹³ original e diretriz a qual atravessa a obra e se explicita em toda a sua extensão, continuamente ocultando e revelando-se. Essa intuição filosófica seria a *gênese* de um ato criador simples, uma essência em germe que se desdobra na diversidade intelectual da obra. Com uma *simplicidade intuitiva* que reduz a complexidade a um conceito ou a uma fórmula, que para Derrida é a *gênese* em seu sentido dialético¹⁴, verificamos essa herança

11 Esta *Introduction* de 1962 prolonga os seus estudos críticos de Husserl até o famoso ensaio *A voz e o fenômeno* de 1967. Derrida explica-se em entrevista: “O ensaio [*A voz e o fenômeno*] que põe essas questões pode também ser lido como a outra face (frente ou verso, como você quiser) de um outro ensaio, publicado em 1962, como introdução ao *A origem da geometria*, de Husserl. A problemática da escrita como tal já estava aí colocada, e ligada à estrutura irreduzível do ‘diferir’ em suas relações com a consciência, a presença, a ciência, a história e a história da ciência, com a desaparecimento ou com o retardamento da origem etc.” (DERRIDA, 2001, p. 11, grifos nossos e do autor).

12 Este pequeno texto fez parte de um colóquio de 1959 organizado por Maurice de Gandillac, Lucien Goldmann e Jean Piaget. Tal colóquio foi publicado em uma coletânea de 1965: *Entretiens sur les notions de genèse et de structure*. Em seguida, em 1967, o texto de Derrida foi republicado em *A escritura e a diferença*. Usaremos esta última versão.

13 Nesses termos, intuição *original* e *simples* que explica o ato de criação filosófica são conceitos introduzidos na conferência de 1911 chamada *A intuição filosófica* (cf. BERGSON, 2006, p. 125; 145).

14 *Dialético* em um sentido específico que remonta a Jean Cavailles e Tran Duc Thao, interlocutores

bergsoniana no *Avant propos* (Prólogo) de *Le problème...*:

Aqui, o empreendimento de uma compreensão completamente sintética do husserlianismo tem *a priori* que reduzir à *simplicidade intuitiva* de uma significação única toda a complexidade discursiva de um pensamento, e a uma pontualidade analítica todo o seu enriquecimento e todo o seu desenvolvimento sintético. O propósito inicial desta concepção era também o de garantir o acesso e a inteligibilidade total de um movimento histórico: o da fenomenologia husserliana (DERRIDA, 1990, p. 24, grifos nossos e do autor, tradução nossa¹⁵).

Também a encontramos em “*Gênese e estrutura*”... de 1959, de modo mais indireto e nuançado – típico da escrita oblíqua de Derrida – ao mencionar um *debate* (que se poderia chamar *dialética originária* em 1954) opondo dois conceitos os quais *animam* o interior da fenomenologia a partir de *traços originais*:

[...] que, sob o uso sereno destes conceitos [gênese e estrutura], trava-se um *debate* [dialética em 1954] que regula e ritmiza o caminhar da descrição, que lhe empresta a sua “animação” e cujo inacabamento, deixando em desequilíbrio cada grande etapa da fenomenologia, torna indefinidamente necessárias uma redução e uma explicitação novas [...] que este *debate* [...] poderia pelo menos permitir acentuar os *traços originais* da tentativa husserliana [...] (DERRIDA, 2014, p. 228, grifos nossos e do autor).

Além dessa herança bergsoniana que procura traçar a simplicidade na complexidade, nota-se indiretamente a novidade metodológica no ambiente acadêmico daquele período, isto é, a exposição e a análise *estrutural* da história da filosofia, que possivelmente influenciou a escrita do jovem estudante na sua monografia de 1954. Deste período, podemos citar três figuras eminentes que praticavam e advogavam essa abordagem *immanentista* das obras filosóficas: Émile Bréhier (1940) ao enfatizar um *tempo interior ao sistema*, em oposição ao tempo exterior, vivido, biográfico e não-filosófico; Martial Gueroult (2016) ao analisar a estrutura da obra *segundo a ordem das razões*¹⁶; e Victor Goldschmidt (1970) ao refazer o movimento sucessivo da obra *segundo o seu tempo lógico*¹⁷. Como já mencionamos acima,

privilegiados do jovem Derrida em 1954 (cf. DERRIDA, 1990, vii).

15 No original: « Ici, l'entreprise d'une compréhension toute synthétique du husserlianism a dû a priori réduire à la simplicité intuitive d'une signification unique toute la complexité discursive d'une pensée, et à une ponctualité analytique tout son enrichissement et tout son développement synthétique. Le propos initial de cette conception était aussi de se ménager l'accès et la totale intelligibilité d'un mouvement historique : celui de la phénoménologie husserlienne. »

16 É possível comprovar que Derrida conhecia algo dessa metodologia immanentista, uma vez que a abordagem de Gueroult é recusada, quando ele é entrevistado em 1967: “Seria impossível, pois, fornecer uma representação linear, dedutiva, da organização interna dessas obras [as dele próprio, Derrida], que correspondesse a alguma ‘ordem de razões’” (DERRIDA, 2001, p. 10, grifos nossos e do autor).

17 Nos estudos derridianos supomos que nunca foram examinados os efeitos diretos e indiretos dessa influência *estruturalista nos textos filosóficos*, quando ele era um jovem estudante, a qual nos auxiliariam a

provoca-se estranheza ao se comparar os escritos deste jovem Derrida com o Derrida posterior. É do *mesmo* autor que está se tratando? Ao reler a si mesmo, após trinta e seis anos, ele se indaga: “Era eu, sou eu isso?” (DERRIDA, 1990, vi, tradução nossa¹⁸). Retrocedendo a 1954, à primeira vista, esse ímpeto acadêmico para enquadrar sistemas filosóficos surpreende a quem esteja habituado com as práticas desconstrutivas derridianas, pois as primeiras páginas de *Le problème...* prometem uma tentativa de completude, totalização e estruturalização da obra filosófica husserliana. No entanto, o jovem Derrida já sugere que não será plenamente fiel às normas ideais de neutralidade, objetividade e cientificidade na história da filosofia, pois apropriar-se da questão já traz um caráter *pessoal*: “Não se trata aqui, para nós, de obedecer a um destino, de *aplicar as leis* de uma história da filosofia constituída como *ciência*, de seguir as conclusões de um problema que se teria debatido em outro lugar: esse problema [da gênese] será o nosso problema” (DERRIDA, 1990, p. 5, grifos nossos, tradução nossa¹⁹).

Sugerimos que o ambiente formativo da *École* ocasionou o jovem estudante a cumprir essas obrigações metodológicas com a intenção de redigir uma boa e aceitável monografia sob a forma de *questão filosófica*. Essa é a leitura precipitada que pretendemos evitá-la, ao passo que somente se acessaria a superfície da escrita. Este jovem Derrida, imbuído de múltiplas leituras tanto anteriores como exteriores ao próprio Husserl – que são, no entanto, difíceis de reconstitui-las – defende a tese crítica e negativa a qual a sua fenomenologia nunca se fecha, mantendo-se em desequilíbrio e à procura de um novo recomeço, tal como assinala Edward Baring:

O impulso à completude e o escopo abrangente da *Mémoire* de Derrida parecem, talvez, ser contrários às suas preocupações posteriores caracterizadas pelo enfoque do que é marginal em vez do totalizante, pela leitura minuciosa de um parágrafo em vez de uma teoria total da obra de uma vida. Podemos ser tentados a traçar uma linha divisória entre essa primeira obra estudantil e a filosofia “madura” posterior. Tal ato seria, no entanto, apressado demais. Em primeiro lugar, Derrida não tentou fechar a fenomenologia [...] Em sua tese, Derrida queria compreender essa necessidade constante de recomeçar. A tese que o guiava era a impossibilidade de uma definição rigorosa e estável da fenomenologia

compreender por que Derrida no *Avant propos* de *Le problème...* investiga exigindo uma unidade da obra de Husserl (mesmo que ela se mostraria impossível e inacabada) ao mesmo tempo que se insiste na dualidade entre história da filosofia e filosofia (da história) (DERRIDA, 1990, p. 1). Para uma discussão crítica em solo brasileiro sobre o estruturalismo na história da filosofia, cf. *História stultitiae e história sapientiae* de Carlos Alberto Ribeiro de Moura (2001, pp. 13-42).

18 No original: « *C’était moi, c’est moi, ça ?* »

19 No original: « *Il ne s’agit pas ici pour nous d’obéir à une fatalité, d’appliquer les lois d’une histoire de la philosophie constituée comme science, de suivre les conclusions d’un problème dont on aurait débattu ailleurs : ce problème sera notre problème.* »

(2019, p. 150, grifos do autor).

Se o pensamento maduro de Derrida – ou seja, o seu *pensamento central* – deriva de uma análise crítica do itinerário da obra de Husserl, torna-se então necessário apresentar alguns aspectos dessa filosofia fenomenológica. É um sobrevoos do roteiro husserliano *em geral*, pois, por mais que sejamos cuidadosos em relacionar Derrida a Husserl, somos cientes de que a proposta do jovem historiador da filosofia é, de certa maneira, uma condensação conceitual da vastíssima obra de Husserl até o ano de 1954 em *Le problème...* e 1959 em “*Gênese e estrutura*”...; certamente, os estudos husserlianos contemporâneos ultrapassam essa dimensão simplificada e circunscrita da década de 1950. Portanto, este pequeno artigo *corresponde apenas com o ponto de vista de Derrida sobre a obra de Husserl disponível à sua época*. Não se ocorre o inverso, que seria apresentar as próprias posições de Husserl – já aprofundadas com as contínuas republicações das obras e dos manuscritos inéditos nos diversos volumes da coleção *Husserliana* – para, em seguida, adequar-se à interpretação e leitura de Derrida.

Fidelidade e infidelidade à obra

“*Gênese e estrutura*”... se inicia com uma precaução. Derrida mostra que um *debate operatório*, o qual se institui no interior de um pensamento, tem o risco de se tornar um interrogatório, um inquérito abusivo, que violenta a fisiologia interna de um pensamento. Não se respeita a escuta atenta, própria da leitura filosófica tradicional, que submete o comentário à autoridade do filósofo ou da obra. Porém, ele reitera que uma *agressão* e uma *infidelidade* podem ser eficazes, uma vez que libertariam o sentido de um conteúdo latente. E assim, apresenta-nos, por um lado, nos primeiros parágrafos, a *fidelidade* de Husserl, para em seguida, por outro lado, apresentar a *infidelidade* de quem escreve, Derrida. Não é difícil de notar, agora, como vimos anteriormente, que o exercício da sua leitura opera em duas camadas, a primeira seria a superfície externa, manifesta, isto é – Husserl por ele mesmo –, e a segunda seria a profundidade interna, latente, a qual, para acessá-la, esta leitura deve *agredi-la* e ser-lhe *infiel*. Enquanto era estudante na *École* em 1954, aquela fidelidade interpretativa mais restrita da história da filosofia ligeiramente se modificou – para não dizer que foi completamente abandonada.

Derrida retrata Husserl como avesso ao debate, ao dilema, a aporia; o fundador da fenomenologia opõe-se a quem *especula* tal como os metafísicos e os cientistas empíricos, pois erram por explicar em demasia. O *explicativismo* seria prejudicial, pois desviaria a sua fidelidade em direção aos objetos, aos assuntos, aos problemas. Nesse sentido, é Husserl

quem seria o *verdadeiro positivista* o qual *retorna às próprias coisas*²⁰. Portanto, a investigação fenomenológica não caminha em zigue-zague ou então decide a qual bifurcação da rota optar, dissipando-se o fantasma da opção, da escolha, da decisão. Por causa desse escrúpulo aos objetos e não a um sistema plenamente estático, que Husserl é

[...] já, no seu estilo de pensamento, mais atento à historicidade do sentido, à possibilidade do seu devir, mais respeitador daquilo que, na estrutura, permanece aberto. E mesmo que se pense que a abertura da estrutura é “estrutural”, isto é, essencial, passamos já a uma ordem heterogênea à primeira: a *diferença* entre a estrutura menor – necessariamente fechada – e a estruturalidade de uma *abertura* é talvez o *lugar insituável* em que a filosofia se enraíza (DERRIDA, 2014, p. 226, grifos nossos e do autor).

Não é difícil de notar à primeira leitura desta citação a inflexão heideggeriana no conceito de *abertura* (*Erschlossenheit*²¹) a partir da estrutura, sistema de categorias lógico-formais, com a qual Husserl, escrupuloso com os objetos e os temas dos quais trata, leva-o a afastar-se de qualquer tipo de dogmatismo, fixidez conceitual. Ao utilizar-se de conceitos de Heidegger, isso não significa que Derrida lhe seja fiel à letra, mas que os emprega livremente para compreender o problema da gênese e da estrutura. Dentro dessa chave de leitura, a *abertura* revela a *diferença* ôntico-ontológica que realiza a distinção entre ente (o ôntico) e Ser (o ontológico). Ele descreve a passagem da *estrutura menor* (ente) à *estruturalidade de uma abertura* (ao Ser?), isto é, o *lugar insituável* da filosofia. Eis um paradoxo, pois como um lugar não se situa? Para abordá-lo, podemos mencionar dois comentadores que divergem na sua interpretação.

O primeiro comentador, Leonard Lawlor (2002), sugere que há um interesse genuíno em abordar a fenomenologia a partir de Eugen Fink, sendo este o único intérprete de Husserl que Derrida menciona explicitamente em “*Gênese e estrutura*”... O ensaio de Fink de 1933, *Die phänomenologische Philosophie Edmund Husserls in der gegenwärtigen Kritik*²² (A filosofia fenomenológica de Edmund Husserl no criticismo contemporâneo, tradução livre)

20 Célebre lema de Husserl que se encontra na introdução do segundo volume das *Investigações Lógicas*: “Queremos retornar às ‘próprias coisas’” (HUSSERL, 2015, p. 5, grifo do autor). No original: “*Wir wollen auf die ‘Sachen selbst’ zurückgehen*” (HUSSERL, 1984, p. 10, grifo do autor). Não custa advertir para o possível descompasso de sentido entre a tradução em português (*coisa*) e o original em alemão (*Sache*): “[...] a fórmula pode induzir em erro: não se trata, à maneira dos cínicos, de se ater à coisa particular e contingente do mundo físico recusando toda busca do universal, tampouco, à maneira dos positivistas [...] de prender-se ao fato entendido como dado bruto, interditando-se todo exame da essência das coisas. Com efeito, este termo ‘coisas’ remete ao alemão *Sachen* e não *Dinge*. Enquanto *Ding* corresponde à coisa física (a *res* de Descartes), *Sache* designa o problema, a questão, a aposta de um pensamento” (DEPRAZ, 2011, p. 27, grifos da autora).

21 Cf. VAYSSE, 2007, pp. 40-41; 121-122.

22 Cf. FINK, 2017, pp. 70-139.

contesta a afirmação feita pelos neokantianos da época na qual a fenomenologia seria uma iniciativa fracassada quando se propõe ser uma filosofia crítica, no momento em que se equivoca e se confunde em alguns pontos, sobretudo ao sustentar um intuicionismo e um ontologismo²³ injustificados. Após apresentar essas objeções, Fink procura respondê-las ao mostrar que a fenomenologia husserliana supera a *mundanidade* da filosofia crítica ao radicalizar a *redução* transcendental às últimas consequências, ultrapassando a dimensão ôntica da relação *mundana* – a *estrutura menor, fechada*, conforme as palavras de Derrida. A questão básica da fenomenologia, segundo Fink – diferentemente de outras orientações teóricas que investigam a origem e o sentido das coisas ou dos seres – pode ser formulada como a que diz respeito à *origem do mundo*²⁴. Sendo assim, a redução é a abertura ou a passagem do mundo para o que é *extramundano*, ou seja, o *absoluto*. Ao substituir *absoluto* ou *extramundano* por *nada*, vejamos como Derrida menciona Fink no seu texto: “A redução transcendental é o que dirige a nossa atenção em direção a esse *nada* em que a totalidade do sentido e o sentido da totalidade deixam aparecer a sua origem. Isto é, segundo a expressão de Fink, a *origem do mundo*” (DERRIDA, 2014, p. 241, grifos do autor).

O segundo comentador, Edward Baring (2019), ao reconstruir a biografia do jovem Derrida inserido em uma história intelectual e cultural, rastreia influências anteriores ao seu ingresso na *École* em 1952, destacando evidências textuais a partir das suas primeiras redações quando ele era estudante secundarista nos liceus da Argélia e de Paris. O que ele detecta é que essas redações de liceu, bem com alguns textos universitários na *École*, mostram uma nítida influência dos existencialistas, e que, portanto, por mais que ele não cite nenhum desses autores existencialistas na sua monografia de 1954, Baring sustenta que há uma presença subterrânea²⁵ do pensamento de alguns deles na maneira como o jovem Derrida argumenta. Para comprovar a sua tese, ele afirma que essas presenças aparecem

23 “Intimamente relacionada com a reprovação de intuicionismo, há outra objeção feita pelo criticismo contra a fenomenologia de Husserl: a fenomenologia é ‘ontológica’. Considerada mais de perto, essa acusação representa apenas outro aspecto da primeira objeção: uma caracterização da fenomenologia em termos de sua temática. ‘Ontologismo’ aqui se refere à restrição injustificada da temática do conhecimento aos ‘seres’ (*Seiendes*)” (FINK, 2017, p. 75, grifos do autor, tradução nossa). Na tradução do alemão para o inglês (não nos foi possível acessar o texto original em alemão): “*Closely related to the reproach of intuitionism is another objection made by Criticism against Husserl’s phenomenology: phenomenology is ‘ontological.’ Considered more closely, this charge represents only another aspect of the first objection: a characterization of phenomenology in terms of its thematic. ‘Ontologism’ here refers to the unjustified restriction of the thematic of knowledge to ‘beings’ (Seiendes).*”

24 Cf. FINK, 2017, pp. 91-94.

25 Por mais difícil que seja aceitar as suas hipóteses de leitura, por causa dos métodos históricos e críticos que ele utiliza, ou a partir dos quais algumas das suas conclusões mais insinuam do que comprovam, devemos, no entanto, minimamente atestar que o seu acesso aos arquivos pessoais de Derrida torna a pesquisa de Edward Baring bastante significativa.

nos seus reiterados usos da palavra *mistério*, inicialmente nos seus trabalhos universitários e que, em seguida, são retomados nas páginas de *Le problème...* Ele sugere que Derrida analisa a obra de Husserl mostrando que os obstáculos e dificuldades da fenomenologia revelam dualidades ou antinomias insuperáveis como, por exemplo, a indecidibilidade entre o *sentido da gênese* e a *gênese do sentido*²⁶. Dessa forma, os períodos da obra de Husserl se seguiriam uns aos outros como tentativas de superação e, assim, o problema da gênese seria constantemente margeado a partir de suas insuficiências e incompletudes, conforme a postura filosófica de Gabriel Marcel, um existencialista cristão, que entende o *mistério* em oposição ao *problema*, sobretudo segundo o seu livro *Être et avoir*²⁷. Resumidamente, para Marcel, o problema, por estar inteiramente *em mim* se caracteriza por ser objetivo, predicativo, imediato, já que se encontra disponível para ser reduzido, dissolvido, resolvido, nele requerendo uma solução. O mistério, como polo negativo, por não estar inteiramente *dian- te de mim*, é aquilo que é irredutível, indissolúvel, irresolúvel, e, por consequência, comprometendo, perturbando, inquietando a situação existencial humana. Para este comentador, a *aporia* entre a gênese e o sentido – ou entre a gênese e a estrutura – é a tentativa malograda de resolução de um problema subterraneamente *misterioso*. A seguir, acompanharemos os passos de Derrida em direção à incompletude do problema da gênese e da estrutura.

26 Cf. DERRIDA, 1990, p. 102.

27 “O problema é algo que se encontra, que bloqueia o caminho. Está inteiramente diante de mim. Ao contrário, o mistério é algo em que me encontro envolvido, cuja essência é, por consequência, não estar inteiramente diante de mim. [...] entre um problema e um mistério há esta diferença essencial: que um problema é algo com o qual me confronto, que encontro inteiramente diante de mim, mas que posso cercá-lo e reduzi-lo – ao passo que um mistério é algo com o qual eu mesmo estou envolvido, e que, por consequência, não é pensável senão como uma esfera na qual a distinção do em mim e o diante de mim perde o seu significado e o seu valor inicial. Em vez de um problema autêntico ser submetido por uma certa técnica apropriada em função da qual se define, um mistério transcende por definição qualquer técnica concebível. Sem dúvida, é sempre possível (lógica e psicologicamente) degradar um mistério para torná-lo um problema; porém, tal procedimento é profundamente vicioso [...]” (MARCEL, 1935, p. 145; pp. 169-170, grifos do autor, tradução nossa). No original: « *Le problème est quelque chose qu'on rencontre, qui barre la route. Il est tout entier devant moi. Au contraire le mystère est quelque chose où je me trouve engagé, dont l'essence est par conséquent de n'être pas tout entier devant moi. [...] entre un problème et un mystère il y a cette différence essentielle qu'un problème est quelque chose que je rencontre, que je trouve tout entier devant moi, mais que je puis par là-même cerner et réduire – au lieu qu'un mystère est quelque chose en quoi je suis moi-même engagé, et qui n'est par conséquent pensable que comme une sphère où la distinction de l'en moi et du devant moi perd sa signification et se valeur initiale. Au lieu qu'un problème authentique est justiciable d'une certaine technique appropriée en fonction de laquelle il se définit, un mystère transcende par définition toute technique concevable. Sans doute est-il toujours possible (logiquement et psychologiquement) de dégrader un mystère pour en faire un problème ; mais c'est là une procédure foncièrement vicieuse [...] »*

O problema da gênese e da estrutura

De acordo com o texto “*Gênese e estrutura...*”, e, como já havíamos afirmado, Husserl, sendo avesso ao debate, ficaria espantado com essa questão externa e abrupta entre estrutura ou gênese, pois responderia que depende do *tema* que se pretende falar, descrever, analisar. Nesses temas, há camadas de significações que podem aparecer como sistemas ou estruturas e outras mais profundas como movimento ou devir. Derrida começa apontando que a *fidelidade* aparente de Husserl se mostraria em todo o seu itinerário, isto é, em todos os períodos da sua vasta obra. O primeiro exemplo que ele nos dá se encontra em um texto tardio de 1929, que, apesar de renegar certos pressupostos psicologistas presentes nos seus primeiros textos, nele reconhece as conquistas teóricas alcançadas:

A fixação da atenção no formal já foi por mim conseguida graças à minha *Philosophie der Arithmetik* (1891), a qual, apesar da sua falta de maturidade como primeiro escrito, representava contudo, uma primeira tentativa para obter a clareza sobre o sentido verdadeiro, sobre o sentido autêntico e original dos conceitos da teoria dos conjuntos e da teoria dos números, e isto voltando às *atividades espontâneas de coligação e de numeração nas quais as coleções* (“totalidades, “conjuntos”) *e os números são dados de uma maneira originalmente produtiva*. Era portanto, para me servir da minha maneira ulterior de me exprimir, uma investigação relacionada com a fenomenologia constitutiva... etc (HUSSERL *apud* DERRIDA, 2014, p. 227, grifos nossos e do autor).

Derrida sugere com essa passagem que o problema da gênese *persiste* já no primeiro período da sua obra pré-fenomenológica – neste caso, sobre as atividades genéticas de coligação e numeração – em direção ao seu período tardio que se inicia com o texto de 1929, *Formale und transzendente Logik*. Continuidades e descontinuidades ocorrem com a retomada de uma *gênese transcendental*, no período tardio, a partir de uma ingenuidade e inquietações anteriores com a então *gênese psicológica* verificada no período inicial. No segundo exemplo que Derrida nos fornece, dentro de um período intermediário da obra husserliana, o mesmo não ocorre, pois há uma nítida descontinuidade nas descrições e análises *estáticas* da constituição dos objetos intencionais em *Ideias I* (1913). Assim, há uma progressão a partir dessas posições teóricas, mas nenhuma superação; há um aprofundamento ou escavação da fenomenologia genética que é posterior à fenomenologia estática, mas que não abala a estrutura anterior já exposta.

Decorre então que esses dois conceitos operatórios – gênese e estrutura – se complementam serenamente um ao outro conforme o espaço de descrição suscitado pelas próprias tematizações. No entanto, Derrida mais uma vez se recusa a essa leitura, a qual poderíamos dizê-la que é *fiel* e *imane*nte ao sistema, à maneira de Gueroult e Goldschmidt, por exemplo, propondo, por sua vez, uma hipótese que animaria a obra de Husserl para além

dessa serenidade descritiva. Verifica-se, no conjunto da obra, um desequilíbrio constante a cada grande etapa da fenomenologia que implicaria a necessidade de novos elementos conceituais como as reduções e explicitações. Conseqüentemente, isso obrigaria Husserl a transgredir o espaço restrito de descrição fenomenológica para uma *metafísica da história* (história transcendental), um *télos*, um horizonte, uma *gênese selvagem* que estranhamente mal se acomoda ao apriorismo e ao idealismo transcendental precedente. Assim, Derrida prossegue indicando precisamente os conflitos e tensões a partir desses dois conceitos operatórios no interior da fenomenologia:

[...] é uma filosofia das essências sempre consideradas na sua objetividade, na sua intangibilidade, na sua aprioridade; mas é, no mesmo gesto, uma filosofia da experiência, do devir, do fluxo temporal do vivido que é a última referência [...] Husserl tenta, portanto, constantemente conciliar a exigência *estruturalista* que conduz à descrição compreensiva de uma totalidade, de uma forma ou de uma função organizada segundo uma legalidade interna e na qual os elementos só têm sentido na solidariedade da sua correlação ou da sua oposição, com a exigência *genetista*, isto é, a exigência da origem e do fundamento da estrutura. Poder-se-ia contudo mostrar que o próprio projeto fenomenológico resultou de um primeiro fracasso desta tentativa (DERRIDA, 2014, pp. 228-229, grifos do autor).

Quanto mais nos aprofundamos na leitura de *Gênese estrutura...* revela-se cada vez mais a periodização que Derrida estabelece sobre a obra de Husserl. Distintamente da sua monografia de 1954, que exaustivamente percorre a obra dividindo-a em quatro seções, podemos dizer que neste pequeno ensaio de 1959, conforme o texto e as citações que ele gradativamente utiliza, reagrupa-se a obra husserliana em três períodos: o *pré-fenomenológico*, sobretudo com *Philosophie der Arithmetik* (Filosofia da Aritmética, 1891); o da *fenomenologia estática ou estrutural*, apoiando-se menos nas *Investigações lógicas* (1900-1901), e mais em *A filosofia como ciência de rigor* (1911) e *Ideias I* (1913); e, por fim, o da *fenomenologia genética transcendental e histórica*, ao citar *Formale und transzendentale Logik* (1929), *Meditações cartesianas* (1931), *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental* (1936) e os textos póstumos *Erfahrung und Urteil* (*Experiência e juízo*, 1939, editado por Ludwig Landgrebe) e *Der Ursprung der Geometrie als intentional-historisches Problem* (*A origem da geometria como problema intencional-histórico*, 1939, editado por Eugen Fink).

Derrida reconhece que o período pré-fenomenológico já traz em si uma tentativa de inserir uma intencionalidade, ainda psíquica, herdada de Franz Brentano no interior da aritmética, na medida em que precede à sua nova formulação de intencionalidade, como podemos observar, por exemplo, nas *Investigações Lógicas* e em *Ideias I*. Nota-se um genuíno interesse de preservar uma idealidade e uma objetividade sobre o campo da aritmética ao

mesmo tempo em que ele se afasta de um logicismo e um psicologismo bastante vago²⁸. A busca por uma unidade originária através de um novo conceito de intencionalidade concreta e não empírica, uma experiência *transcendental constituente*, dispõe a raiz comum da atividade e da passividade, isto é, a própria possibilidade do sentido. O *problema do fundamento da objetividade* faz Husserl encaminhar-se a uma fase mais estruturalista porque ele se contrapõe ao psicologismo, entendido aqui como causalismo, naturalismo, empirismo, relativismo, ceticismo, bem como o historicismo. Não é à toa que a gênese é renunciada, o que, por sua vez, é esta gênese epistemologicamente orientada, rebaixando e fragilizando o domínio do conhecimento sólido e seguro.

Ele passa então a abordar com mais profundidade o texto *A filosofia como ciência de rigor* no qual Husserl critica Wilhelm Dilthey, promovedor de uma distinção entre ciências naturais (*Naturwissenschaften*) e ciências do espírito (*Geisteswissenschaften*). Tomado como um problema epistemológico, o fenomenólogo associa o historicismo proposto por Dilthey como uma espécie de estruturalismo em uma ciência dos fatos (*Tatsachennwissenschaft*), isto é, uma *gênese mundana*, uma confusão entre o valor e a existência, entre todos os tipos de idealidades com as realidades. Com efeito, afirma Derrida:

[...] como todo o historicismo e apesar da sua originalidade, não evita nem o relativismo, nem o ceticismo. Pois resume a norma a uma fatualidade histórica, acaba por confundir, para falarmos a linguagem de Leibniz e a das *Recherches logiques* [Investigações lógicas] (I, 146-148), as *verdades de fato* e as *verdades de razão*. A verdade pura ou a pretensão à verdade pura estão ausentes no seu *sentido*, quando se tenta, como o faz Dilthey, dar conta delas no interior de uma totalidade histórica determinada, isto é, de uma totalidade de fato, de uma totalidade finita cujas manifestações e produções culturais são estruturalmente solidárias, coerentes, reguladas pela mesma função, pela mesma unidade finita de uma subjetividade total (DERRIDA, 2014, p. 233, grifos nossos e do autor).

Por um lado, o argumento geral de Dilthey, o qual Husserl recusa, traz uma tentativa sedutora, uma aberração tentadora, por incorrer em uma totalidade historicista; por outro lado, reconhece o seu mérito por combater a *naturalização positivista* de todas as ciências. De fato, alguns conceitos diltheyanos são incorporados na fenomenologia husserliana, como os *organismos espirituais* e *mundos culturais* dotados de unidade de sentido interno, o ato de *compreensão* (*Verstehen*) inerente às ciências do espírito em oposição ao ato de *explicação*

28 “Esforçar-se em direção à origem subjetiva dos objetos e dos valores aritméticos é aqui voltar a descer em direção à percepção [...] que aí se oferecem numa organização pré-matemática. Pelo seu estilo, este regresso à percepção e aos atos de coligação ou de numeração cede à tentação então frequente que se chama, com um nome bem vago, ‘psicologismo’. Mas, em mais de um lugar, esclarece a sua posição e nunca chega a considerar a constituição genética *de fato* como uma *validação epistemológica*, o que era a tendência de Lipps, Wundt e alguns outros [...]” (DERRIDA, 2014, pp. 229-230, grifos do autor).

(*Erklären*) inerente às ciências naturais, bem como o princípio de relação se dar por causalidades *externas* às estruturas físicas, enquanto o princípio de relação se dar por motivações *internas* às estruturas do espírito. Caso essa totalidade histórica, *finita* fosse integralmente admitida, eliminar-se-ia, portanto, conforme Derrida, a possibilidade de abertura *infinita* para a verdade, tal como a Ideia infinita em sentido kantiano: “Aliás é sempre algo parecido com uma *abertura* que fará fracassar o objetivo estruturalista. O que jamais posso compreender, numa estrutura, é aquilo por que não é fechada” (DERRIDA, 2014, p. 234, grifo do autor). Nota-se, então, que a polêmica de Husserl contra Dilthey se desdobra na possibilidade de uma exterioridade ou na impossibilidade de o fechamento ser plenamente concluído.

Em seguida, Derrida passa a analisar o problema da gênese e da estrutura não mais perante o conflito com outros autores ou doutrinas, mas no interior das fronteiras da própria fenomenologia, sobretudo na fenomenologia estática ou estrutural que se encontra em *Ideias I*. Qualquer consideração genética nesta obra é neutralizada, posto que toda gênese, dentro dessa acepção estritamente estática ou estrutural da fenomenologia, se anuncia como associacionismo, causalismo, fatalismo, mundanismo. Assim, tudo se passa como se os pressupostos metodológicos da psicologia e da história fossem no limite radicalizados, derivando em psicologismo e historicismo; aqui, torna-se cada vez mais necessária a sua conversão à *orientação fenomenológica*²⁹, entregando-se à transcendentalidade pura da consciência e propondo-se articular a consciência em geral à objetualidade em geral. Não estamos mais diante do *mesmo* problema, ele não é idêntico, no entanto, é modulado, tematizado de uma maneira distinta, ou, nos termos de Husserl, um problema análogo, *paralelo* ao anterior.

Fechamento na geometria

Em *Ideias I*, Derrida concentra-se nos trechos que se dedicam a uma descrição eidética da geometria³⁰. Ao apresentar a distinção husserliana entre ciência exata e ciência morfológica, tornar-se-á mais evidente por quais motivos a geometria é um caso exemplar que esclarece a especificidade da fenomenologia. Examinemos como isso se opera. Para

29 Para esse conceito caro a Husserl, seguimos a opção de tradução de Márcio Suzuki em *Ideias I*: “Adotando aqui a generosa indicação de Carlos Alberto Ribeiro de Moura, preferiu-se traduzir ‘Einstellung’ por ‘orientação’ em vez de ‘atitude’ (tradução consagrada, especialmente em francês)” (HUSSERL, 2006, p. 25, nota 1, grifos do tradutor).

30 Não é à toa a ênfase que Derrida realiza em 1959 sobre o estatuto da geometria em *Ideias I*. O seu interesse em aprofundar-se nesse tema o leva, três anos mais tarde, à investigação da origem e do devir da geometria ao traduzir *L'origine de la géométrie*.

Husserl, as essências da consciência pura, diferentemente das essências matemáticas, não podem ser *exatas*. É por isso que ele discorre sobre a diferença entre *exatidão* e *rigor*. Uma ciência eidética descritiva como a fenomenologia pode ser *rigorosa*, mas nunca pode ser exata, ou seja, ela é *anexata*, escapa-lhe da sua inerente possibilidade o princípio de *exatidão*. Mas como vem a configurar-se a exatidão na acepção husserliana? Ela é uma operação de *idealização*, de *passagem ao limite* que só poderia se extrair de uma *abstração* (uma componente eidética abstrata como é a espacialidade, por exemplo) desde uma coisa *materialmente* determinada e concreta como os corpos objetivos. Dentro dessa tipologia husserliana das disciplinas matemáticas, temos que:

É sabido que as disciplinas matemáticas *puras*, tanto as *materiais*, como geometria ou fononômica [cinemática], quanto as *formais* (lógicas puras), como aritmética, análise etc., são os meios fundamentais de teorização nas ciências naturais. Salta aos olhos que essas disciplinas não procedem empiricamente, não são fundadas mediante observações e ensaios com figuras e movimentos tirados de experiência etc (HUSSERL, 2006, § 25, p. 70, grifos nossos).

Portanto, a descrição da geometria realizada por Husserl faz dela uma ciência (ou uma disciplina específica dentro da matemática em geral) simultaneamente *material* e *abstrata*. De outro modo ocorre com o método exclusivamente fenomenológico. Não há nele como se configurar uma *geometria dos vividos*, uma matemática dos fenômenos; isso seria para Husserl um despropósito³¹. Sendo assim, as essências da consciência ou dos fenômenos não podem pertencer a uma estruturalidade e a uma multiplicidade de tipo matemático³², ou mais precisamente geométrico. Logo, não resta nessa multiplicidade, no caso da geometria conforme *Ideias I*, a própria possibilidade de resolução exata e finita de *fechamento*:

A geometria [...] fixa algumas poucas espécies de formações fundamentais, as ideias de corpo, superfície, ponto, ângulo etc., as mesmas que desempenham papel determinante nos “axiomas”. Com ajuda dos axiomas, isto é, das leis eidéticas primitivas, ela está então em condição de derivar, de maneira puramente dedutiva, *todas* as formas “existentes” no espaço, isto é, as formas espaciais idealmente possíveis e todas as relações eidéticas a elas inerentes, na forma de conceitos que as determinam com exatidão [...] A essência genérica do domínio geométrico é de tal espécie – isto é – a essência pura do espaço é tal, que a geometria pode estar plenamente certa de que, pelo seu método, dará efetivamente conta, com exatidão, de todas as possibilidades. Noutras palavras, a multiplicidade das configurações espaciais em geral tem uma notável propriedade lógica fundamental, que, para denominá-la, introdu-

31 Cf. HUSSERL, 2006, §§ 71-72, p. 155.

32 É bom lembrar que, até a publicação de *Ideias I* em 1913, não se conheciam os teoremas da incompletude de Kurt Gödel que a partir de 1931 abalariam profundamente os programas fundacionalistas os quais tentavam totalizar e fechar a multiplicidade matemática a partir de uma axiomatização ou formalização lógica; Derrida, nesse sentido, atenta-se a esse detalhe (cf. DERRIDA, 2014, p. 237).

zimos o nome *multiplicidade “definida”* ou *multiplicidade “matemática, no sentido forte da palavra”*. Ela se caracteriza por isto, que um *número finito de conceitos e proposições [...] determina completa e univocamente o conjunto de todas as configurações possíveis do domínio no modo da necessidade analítica pura*, de maneira, portanto, que *por princípio nada mais resta em aberto* nele (HUSSERL, 2006, § 72, p. 157, grifos do autor).

Abertura no noema e na hilê

Com a distinção entre ciência exata (a geometria, como exemplo) e ciência morfológica (a possibilidade de uma fenomenologia), o problema que se apresenta agora a Husserl é, mais uma vez, a principal, a essencial, a estrutural impossibilidade de *fechar* uma fenomenologia estática ou estrutural. Vejamos como isso ocorre quando se descreve a intencionalidade transcendental em *Ideias I*. Ela é descrita como uma estrutura originária, uma arquiestrutura que possui duas correlações com dois polos a cada uma destas, o que resultaria no total em quatro polos. A saber, tem-se a *correlação ou estrutura noético-noemática* e a *correlação ou estrutura morfe-hilética*. Derrida descreve esse complexo estrutural a partir de duas pontas na unidade da flecha intencional a qual, por um lado, dá origem ao sentido, a abertura para a luz da fenomenalidade, e, por outro lado, a oclusão³³ desta mesma estrutura que obstrui o não-sentido. Nota-se em dois momentos essa oclusão ou obstrução, sendo que o primeiro momento intencional se configura na correlação dos dois polos da noese e do noema. A *noese* (ato de pensar), enquanto polo de atividade que é próprio do ato intencional, opõe-se na outra ponta ao *noema* (correlato objetivo sobre o qual suporta esse mesmo ato de pensar)³⁴. Derrida descreve o noema dentro da estrutura intencional que, no entanto, não pertence à integralidade, à *realidade*³⁵ da consciência. Com isso, ele não estaria recusando completamente o estatuto de sentido fenomenológico no noema husserliano, como se pode notar a partir do célebre exemplo de que *o noema* (como correlato objetivo

33 Além do significado usual que entende *occlusão* por fechamento, há também uma riqueza de sentidos lexicais conforme o *Dicionário Houaiss*: “[...] 2 obstrução momentânea de uma abertura. 2.1 FONÉTICA fechamento momentâneo em algum ponto do trato vocal, durante a articulação das consoantes oclusivas. 2.2 MEDICINA obstrução. 3 obscurecimento total ou parcial; obliteração, apagamento, escurecimento. 3.1 ASTRONOMIA obscurecimento momentâneo de um astro” (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 1376).

34 Há claramente toda uma discussão complexa sobre a polaridade noese-noema que aparece pela sua primeira vez no itinerário da obra de Husserl em *Ideias I* nos capítulos III e IV da Terceira Seção, a qual iremos resumi-la a partir da descrição e interpretação que o próprio Derrida faz a partir desse livro (cf. HUSSERL, 2006, §§ 87-127, pp. 201-283).

35 É importante esclarecer a distinção fundamental husserliana entre *reell* (imaneente à consciência) e *reale* (transcendente à consciência). Derrida não está diretamente se opondo à imanência do noema, mas à sua estranha instância que se inclui na imanência, porém não integralmente, uma quase-imanência talvez, pois do contrário se correria o risco de a própria fenomenologia transcendental cair em um solipsismo.

do sentido) *da árvore não queima*³⁶. De certa maneira, a redução, como suspensão de juízo (*epoché*), que toma o mundo como existente, continua a operar, bem como a distinção inicial entre orientação natural e orientação fenomenológica. O que Derrida procura destacar é essa *difícil* inclusão do caráter não-real (*imane*nte e *reell*) no noema a fim de efetuar a objetividade do objeto, o preenchimento do sentido e o *como tal* da coisa em direção à consciência que nela se constitui. O noema, pois,

[...] não é nem a própria coisa determinada, na sua existência selvagem cujo aparecer é justamente o noema, nem um momento propriamente subjetivo, “realmente” subjetivo, pois se dá indubitavelmente como objeto para a consciência. Não é do mundo nem da consciência, mas o mundo ou qualquer coisa do mundo *para* a consciência. É certo que só pode ser descoberto, de direito, a partir da consciência intencional, mas não lhe vai buscar o que se poderia chamar metaforicamente, evitando realizar a consciência, o seu “material” (DERRIDA, 2014, p. 238, grifos do autor).

Como a descrição husserliana opera demarcando *regiões* ontologicamente estáveis, Derrida caracteriza o noema por sua *irregionalidade*, bem como por sua *an-arquia*, visto que não há *arquê*, um fundamento suficientemente estável e sólido; é a sua própria indeterminação que possibilita determinar-se concretamente *para* a consciência. O noema é a raiz da própria possibilidade da objetividade e do sentido, e essa *abertura* ao *como tal* do ser, além da totalidade em geral das regiões fenomenologicamente descritas, não pode se configurar somente na própria estrutura regional determinada, isto é, integralmente *fechada* na estruturalidade da própria consciência. Colocado os termos husserlianos dessa maneira, obviamente a problemática do noema se torna *excedente* ou maior que a restrição imposta pela fenomenologia estática ou estrutural de Husserl. Essa decisão epistemológica coloca a transcendentalidade da abertura na origem e na derrota da possibilidade ou impossibilidade dessa primeira correlação ou estrutura noético-noemática.

O segundo momento intencional se dá na correlação ou estrutura morfe-hilética. Derrida, ao comparar as duas correlações da intencionalidade já mencionadas, apresenta uma inversão dialética entre ambas, pois enquanto o polo da *hilê* (matéria primeira ou prima) é um componente real (*reale*) mas não-intencional do vivido, o polo do *noema* é um componente intencional, mas não-real (*reell*) do vivido. A *hilê*, enquanto “[...] vividos ‘sensuais’ [...] tais como dados de cor, de tato, de som e semelhantes [...] sensações de prazer, de dor,

36 “A árvore *pura e simples*, a coisa na natureza [orientação natural], é tudo menos esse *percebido de árvore como tal*, que, como sentido perceptivo, pertence inseparavelmente à percepção. A árvore pura e simples pode pegar fogo, pode ser dissolvida em seus elementos químicos etc. Mas o sentido [orientação fenomenológica] – o sentido *desta percepção*, que é algo necessariamente inerente à essência dela – não pode pegar fogo, não possui elementos químicos, nem forças, nem qualidades reais” (HUSSERL, 2006, § 89, p. 206, grifos nossos e do autor).

de cócegas etc. e também momentos sensuais da esfera dos ‘impulsos’ [...]” (HUSSERL, 2006, § 85, p. 193, grifos do autor), consiste na matéria sensível que precede a animação da forma intencional, é a passividade na qual a consciência recebe *algo* diferente dela mesma a fim de exercer a própria atividade intencional; portanto, é a receptividade de uma abertura essencial.

Mas, na acepção restrita da fenomenologia estática ou estrutural, Husserl renuncia a descrever e a interrogar a *hîlê* por si própria, renuncia também a examinar as possibilidades de *matérias sem forma e formas sem matéria*³⁷. Se a correlação morfe-hilética é circunscrita, isso acontece pela razão – para sermos fiéis a Husserl – de que as suas descrições e análises ocorrem dentro da esfera de uma *temporalidade constituída*, e não *constituinte*. O filósofo alemão nos esclarece, afirmando que:

[...] a intencionalidade [...] abriga em si todos os vividos, mesmo os não caracterizados como intencionais. Contudo, no nível de consideração ao qual nos ateremos até indicação em contrário, no qual nos absteremos de descer às escuras profundezas da consciência última, constitutiva de toda temporalidade dos vividos [...] Como quer que seja, em todo domínio fenomenológico (em todo ele – no interior do nível, a ser constantemente mantido, da temporalidade constituída), um papel dominante é desempenhado pela notável duplicidade e unidade da ὕλη [*hîlê*] *sensual e da μορφή* [*morfê*] *intencional* (HUSSERL, 2006, § 85, pp. 193-194, grifos nossos e do autor).

Conforme os *vividos sensuais* são compreendidos somente a partir da temporalidade constituída – o que anunciaria a possibilidade de se investigar uma temporalidade constituente –, Derrida interpreta a *hîlê* como matéria temporal. Se esses vividos sensuais fossem interrogados neles mesmos, sem a necessidade de se agarrar com o seu correlato que é a *morfê*, tais dados escapariam da restrição própria conduzida pela análise estática ou estrutural. Em outras palavras, com a *hîlê* se anuncia a possibilidade da própria gênese. No parágrafo 81 de *Ideias I*, alguns parágrafos anteriores aos quais ele se dedica à *hîlê*, é notável verificar Husserl justificando os limites da descrição estática, ao passo que ele promete uma investigação futura em direção à descrição genética:

O tempo, aliás, como ressaltará das investigações vindouras, é uma designação para uma *esfera totalmente fechada de problemas*, e de excepcional dificuldade. Será mostrado que nossa exposição de certo modo guardou até agora silêncio sobre toda uma dimensão, e teve necessariamente de guardá-lo, para evitar que se fizesse confusão entre aquilo que só é

37 “Dados sensíveis se dão como matéria para formações intencionais ou doações de sentido de diferentes níveis, simples ou fundados de maneira própria, tais como ainda os discutiremos mais detidamente. A doutrina dos “correlatos” ainda confirmará, por um outro lado, a adequação desse modo de falar. No tocante às possibilidades acima deixadas em aberto, elas deveriam, pois, ser designadas *matérias sem forma e formas sem matéria*” (HUSSERL, 2006, § 85, p. 194, grifos do autor).

primeiramente visível na orientação fenomenológica e aquilo que, sem levar em conta a nova dimensão, constitui um domínio fechado de investigações. O “absoluto” transcendental, que nos preparamos por meio das reduções, não é, na verdade, o termo último, ele é algo que se constitui a si mesmo, em certo sentido profundo e inteiramente próprio, e que tem suas fontes originais num absoluto último e verdadeiro (HUSSERL, 2006, § 81, p. 185, grifos do autor).

A sua dificuldade consiste precisamente em elaborar uma constituição temporal que simultaneamente aponte para uma transcendentalidade absoluta. Isso, segundo Derrida, pertence à ambição do fenomenólogo construir uma nova *estética transcendental*³⁸ prenunciada, mas sempre adiada nos textos posteriores a *Ideias I* como *Erfahrung und Urteil, Formale und transzendentale Logik* e *Meditações cartesianas*. Ora, como se verifica nas problemáticas do *noema* e da *hilé*, no interior da sua tensão estática em direção à gênese, a fenomenologia genética não é uma ruptura nem uma conversão com a fenomenologia estática anterior, e, além disso, somente com essa passagem será possível a Husserl tratar dos complexos temas do Tempo e do Outro, isto é, a temporalidade e a intersubjetividade sem necessariamente abdicar-se da redução transcendental.

A gênese em três vias

Para finalizar, Derrida apresenta a fenomenologia genética de Husserl a partir de uma segmentação que se dá em três direções: a *via lógica*, a *via egológica* e a *via histórico-teleológica*.

A primeira, a *via lógica*, se desenvolve sobretudo em *Erfahrung und Urteil* e *Formale und transzendentale Logik*. Essa via consiste em descer à gênese *reduzindo* as estruturas das idealizações e da exatidão objetiva encontradas nas ciências, bem como descrevendo a sedimentação predicativa nas camadas culturais do mundo da vida (*Lebenswelt*). O intuito dessa via lógica é *reativar* e fazer surgir a *predicação em geral* desde a vida pré-cultural.

A segunda, a *via egológica*, intimamente conectada à anterior, descreve modificações intencionais do *eidos ego* em geral, tal como se lê neste trecho de *Meditações cartesianas*:

Dado que o *ego* concreto monádico compreende a inteira vida de consciência, efetiva e potencial, será então claro que o problema da explicitação fenomenológica deste *ego* monádico (o problema da sua constituição para si próprio) deve compreender *todos os problemas constitutivos em geral*. Como consequência subsequente, resulta a coincidência da fenomenologia desta autoconstituição com a Fenomenologia em geral (HUSSERL, 2013, § 33, p. 107, grifos do autor).

O anseio de Husserl consiste em vasculhar a autoconstituição do *ego*, que anteriormente se mantinha na genealogia da lógica dentro da esfera do *cogitatum*, no *ego* somente

38 Cf. HUSSERL, 2013, § 61, p. 184; 1957, p. 386.

a partir de signos e resultados noemáticos. Ambiciona-se descer para cá, do par *cogito-cogitatum* – que, como vimos, já havia sido prometido em *Ideias I* (HUSSERL, 2006, § 85, p. 193) ao “[...] descer às escuras profundezas da consciência última, constitutiva de toda a temporalidade dos vividos [...]” –, isto é, retomando a gênese do próprio ego, que existe para si e que se constitui continuamente como existente (ser). A ressonância cartesiana (com o acréscimo leibniziano da mônada ao ego) se mostra bastante evidente:

“Todavia, devemos prestar agora atenção a uma grande lacuna da nossa exposição. O próprio *ego* é para si próprio um ser numa evidência contínua, portanto, a si em *si mesmo continuamente se constituindo enquanto ser*. Até agora, tocamos apenas num lado desta autoconstituição, olhamos apenas para o *cogito* fluente. O *ego* não se capta apenas como vida fluente, mas, sim, como eu, como o eu que vive isto e aquilo, que vive através deste e daquele *cogito* como *o mesmo*. Até aqui, ocupados com a relação intencional entre consciência e objeto, *cogito* e *cogitatum* [...]” (HUSSERL, 2013, § 31, p. 104, grifos do autor).

Como parece se mostrar nessa tensão dual e problemática entre atividade e passividade na autoconstituição do ego, Derrida não deixa de sugerir que haveria limites intransponíveis, incontornáveis, indecíveis, pois quem disporia de prioridade lógica e egológica na constituição: a atividade, a passividade ou ambas? Diante de tais dificuldades, Husserl nas *Meditações cartesianas* reitera-as como provisórias, pois a fenomenologia seria incipiente, efetuando-se ainda nos seus primórdios:

“É muito difícil o acesso à generalidade última da problemática fenomenológica eidética, e, com isso, também à de uma *gênese última*. O fenomenólogo incipiente está involuntariamente vinculado ao seu ponto de partida exemplar consigo mesmo. Ele encontra transcendentemente a si próprio de antemão como este *ego* e, de seguida, como um *ego* em geral, que tem já consciencialmente um mundo, um mundo do nosso tipo ontológico, de todos bem conhecido, com Natureza, Cultura (Ciência, Belas-Artes, Técnica etc.), com personalidades de ordem superior (Estado, Igreja) etc. A Fenomenologia elaborada de início é simplesmente *estática*, as suas descrições são análogas às da história natural, que busca os tipos singulares e, no melhor dos casos, os sistematiza ordenando. Questões acerca da gênese universal e da estrutura genética do *ego* na sua universalidade, que vai para além da forma temporal, estão ainda longe, pois são, de fato, questões de ordem superior. Mas mesmo quando essas questões são levantadas, isso acontece com uma limitação. Porque, de início, também a consideração das essências se fixará num *ego* em geral com a limitação de que, para ele, há já um mundo constituído. Também isto será um grau necessário, a partir do qual se poderá por vez primeira, através do desdobramento das formas de conjunto da correspondente gênese, ver as possibilidades de uma *Fenomenologia eidética generalíssima*” (HUSSERL, 2013, § 37, p. 115, grifos do autor).

Portanto, com esta fenomenologia eidética *generalíssima*, isto é, *universal*, se abriria a possibilidade de se cumprir a tarefa da terceira via, a *via histórico-teleológica*. Para isso, Derrida

sustenta a sua exposição reportando-se em *A Crise...*, sobretudo no manuscrito denominado *Anexo III ao § 9* desta obra, postumamente publicado por Eugen Fink em 1939, e traduzido por Derrida em 1962 como *L'origine de la géométrie*. Nos últimos parágrafos deste manuscrito consta o problema da historicidade aplicada ao caso da geometria, em que, assevera Derrida, “[...] Husserl pretende *manter* ao mesmo tempo a autonomia normativa da idealidade lógica ou matemática em relação a toda consciência fatural e a sua dependência originária em relação a uma subjetividade *em geral; em geral mas concreta*” (DERRIDA, 2014, p. 231, grifos do autor). Não se trata, quanto a isto, de inserir o fundamento da geometria na faturalidade da história – reincidindo mais uma vez a dimensão da idealidade em um relativismo e em uma contingência fatural – mas, sim, de descer a uma camada e descrever um processo de constituição que vincule concomitantemente a historicidade em um solo pré-científico do mundo da vida (*Lebenswelt*) com a apreensão estática intencional que possa constituir a idealidade dos objetos geométricos.

Para esse propósito, Husserl pretende fornecer *uma teleologia da razão que atravessa paralelamente toda a historicidade*³⁹. Além disso, nas *Meditações cartesianas*, ao tratar da segunda via, isto é, a gênese egológica a partir do tempo como forma universal, e ao enunciar uma legalidade formal para a gênese, constituindo unitariamente o passado, presente e futuro na estrutura intencional com os modos de doação em fluxo, há, segundo o fenomenólogo, “[...] a unidade da gênese universal do *ego*. O *ego* constitui-se para si mesmo na unidade de uma *história* [...]” (HUSSERL, 2013, § 37, p. 114, grifos do autor). Com esses dois casos exemplares, a geometria e o ego confrontados com a sua historicidade, Derrida interpreta que o acesso ao *eidós* da historicidade em geral, isto é, ao *télos* – o movimento do sentido racional e espiritual – só pode se dar a partir de uma *norma* (a legalidade), uma espécie de valor que excederia a essência. Pois bem, a eidética teleológica ou histórica não é uma eidética como as anteriores, mas é aquela que abrange a totalidade dos seres existentes:

Com efeito a irrupção do logos, a passagem à consciência humana da Ideia de uma tarefa infinita da razão não se produz apenas por séries de revoluções que são ao mesmo tempo conversões a si, os rasgões de uma finitude anterior desnudando um poder de infinidade escondido e restituindo a voz à δύναμις [*dynamis*] de um silêncio. Estas rupturas que são ao mesmo tempo desvendamentos (e também recoberturas, pois a origem imediatamente se dissimula sob o novo domínio da objetividade descoberta ou produzida), estas rupturas *já se anunciam sempre*, reconhece Husserl, “na confusão e na noite”, isto é, não só nas formas mais elementares da vida e da história humanas, mas também sucessivamente na animalidade e na natureza em geral (DERRIDA, 2014, p. 243, grifos do autor).

Ao relacionar intimamente a história à fenomenologia eidética e transcendental, Der-

39 Cf. HUSSERL, 2012, p. 314.

rida interpreta a passagem da finitude à infinitude remetendo-se à Ideia de uma tarefa infinita da razão, a qual por rupturas, desvendamentos e recoberturas atravessam a temporalidade histórica fatural entre um domínio anterior e posterior. Baseado nisso, não há como assegurar a consistência interna da própria fenomenologia a qual somente se referia aos fenômenos intencionais da consciência e às evidências dos vividos. Desse modo, ele indaga que a gênese dessa via *histórico-teleológica* enlaça intrinsecamente a metafísica à fenomenologia. Nesse ensaio de 1959, insinua-se a *metafísica da presença*, no entanto, ela ainda não recebeu a sua expressão arrematada como se verifica nos outros textos da década de 1960. Atentemos aqui a esses elementos implícitos que ganharão reelaborações futuras na *Introduction de L'origine de la géométrie* (1962) e em *A voz e o fenômeno* (1967):

A razão, diz Husserl, é o logos que se produz na história. Atravessa o ser em vista de si, em vista de se aparecer a si próprio, isto é, como logos, de se dizer e de se ouvir a si próprio. É palavra como auto-afeição: o escutar-se falar. Sai de si para se retomar em si, “no presente vivo” da sua presença a si. Saindo de si próprio, o escutar-se falar constitui-se em história da razão pelo atalho de uma *escritura*. *Difere-se deste modo para se reapropriar*. *A Origem da Geometria* descreve a necessidade desta exposição da razão na inscrição mundana (DERRIDA, 2014, p. 244, grifos do autor).

Conclusão

Em suma, pretendemos apresentar nestas notas o fio condutor de Derrida dentro do itinerário da obra de Husserl, percorrendo precisamente no que se designou como problema da gênese e da estrutura. Além desse problema inicial – o qual nunca recebeu soluções definitivas para tal tensão –, conclui-se que a interpretação de Derrida sobre a obra de Husserl nos mostra elucidções variáveis e provisórias expressas pelo fechamento na *geometria* e possíveis aberturas no *noema* e na *hilé*, bem como a abertura nas vias genéticas da sua obra tardia, gradativamente mais *metafísica*.

Husserl, porém, admite que as suas declarações metafísicas não conflitam com o programa fenomenológico, pois não é um retorno à especulação metafísica clássica, que utiliza entidades metafísicas tais como as coisas-em-si. Especificamente, nas *Meditações cartesianas* ele afirma que os resultados da fenomenologia exigem ser metafísicos em um sentido circunscrito:

Os nossos resultados são metafísicos se for verdade que deverá denominar-se metafísico o conhecimento último do ser. Mas o que está aqui em questão não é nada de metafísico no sentido comum, como a Metafísica que degenerou historicamente e que não está já ao nível do sentido com que a Metafísica foi originariamente instituída enquanto *Filosofia Primeira*. O tipo de comprovação da Fenomenologia, intuitivo, concreto e, além disso, apodítico, exclui toda *aventura metafísica*, todos os excessos especulativos. [...] a Fenomenologia

[...] exclui toda e qualquer Metafísica que opere ingenuamente com absurdas coisas-em-si, *mas não toda e qualquer Metafísica em geral* [...] (HUSSERL, 2013, § 60, p. 177; § 64, p. 194, grifos do autor).

O programa fenomenológico, ao impor nesses termos um *télos* como *a priori* estrutural da historicidade e uma história atravessada por um *logos*, compromete-se com uma abertura que não consegue apreender definitivamente a gênese do ser e do sentido, isto é, retomando os termos de Fink, a problemática da *origem do mundo*. Há um inacabamento da própria fenomenologia⁴⁰. Paradoxalmente, é de modo estrutural que advém a própria gênese tomada como origem e como devir. É assim que Derrida interpreta o itinerário da obra de Husserl, recuperando indiretamente as suas conclusões que já foram levantadas na sua monografia de 1954: os obstáculos irreduzíveis entre gênese e estrutura conduziram-no a essas resoluções paradoxais ou aporéticas que se manifestam na sua fenomenologia genética tardia, ou seja, eles revelam uma *dialética originária* entre o sentido da gênese e a gênese do sentido.

Para além do problema do sentido *em geral*, do problema da unidade do mundo a partir do solo histórico que coloca a redução transcendental como possibilidade e como motivação a si própria, Derrida compreende que Husserl não decidiu inserir as suas questões nos termos de uma filologia histórica ou histórico-semântica: “E qual é a relação histórico-semântica entre a gênese e a estrutura *em geral*?” (DERRIDA, 2014, p. 246, grifos do autor), No entanto, *interrogou-se*, ao pensar o sentido da gênese e estrutura *em geral*, isto é, sobre o que precederia a própria redução transcendental. Essa mesma interrogação, por um ato livre da própria pergunta, o faz arrancar-se da totalidade da fenomenologia estática ou estrutural em direção a essa historicidade transcendental que se dá em uma *abertura*, em um escancaramento do *Eu transcendental* “[...] convocado a interrogar-se sobre tudo, em especial sobre a possibilidade da fatualidade selvagem e nua do não-sentido, no caso, por exemplo da sua própria morte⁴¹” (DERRIDA, 2014, p. 247).

40 Conforme Derrida escreve em 1954, Husserl percebe que uma nova explicitação radical, um novo começo é necessário: “No final da filosofia, a redução mais ampla ainda não foi levantada. A gênese ontológica que sozinha poderia produzir e fundar uma fenomenologia permanece ‘neutralizada’ em nome de um *eidos* teleológico que deveria ter sido ele próprio reduzido” (DERRIDA, 1990, p. 282, grifos do autor, tradução nossa). No original: « *Au terme de la philosophie, la réduction la plus élargie n’a pas été levée. La genèse ontologique qui seule pouvait produire et fonder une phénoménologie reste « neutralisée » au nom d’un eidos téléologique qui aurait dû lui-même être réduit.* »

41 Noutros termos, Derrida conclui *Le problème...* com o horizonte da própria morte de Husserl e o desejo de recomeçar mais uma vez a fenomenologia, citando o seu testemunho durante a sua última enfermidade grave: “Eu não sabia que era tão difícil morrer. E, no entanto, eu me esforcei tanto, ao longo da minha vida, para eliminar toda futilidade...! justamente no momento em que estou tão completamente

Bibliografia

- ALTHUSSER, Louis. *L'enseignement de la philosophie*. *Esprit*, Paris, v. 215, n. 6, pp. 858-864, juin 1954.
- BARING, Edward. **O jovem Derrida e a filosofia francesa, de 1945 a 1968**. Tradução de Adriano Scandolara. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019.
- BERGSON, Henri. **O pensamento e o movente: ensaios e conferências**. Tradução de Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BRÉHIER, Émile. **La philosophie et son passé**. Paris: Alcan, PUF, 1940.
- DEPRAZ, Natalie. **Compreender Husserl**. Tradução de Fábio dos Santos. Petrópolis: Vozes, 2011.
- DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. Tradução de Maria Beatriz Marques Nizza da Silva, Pedro Leite Lopes e Pérola de Carvalho. 4ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- _____. **A voz e o fenómeno: introdução ao problema do signo na fenomenologia de Husserl**. Tradução de Maria José Semião e Carlos Aboim de Brito. Lisboa: Edições 70, 2012.
- _____. **Gramatologia**. Tradução de Miriam Schnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- _____. *Introduction*. In: **HUSSERL, Edmund. L'origine de la géométrie**. Tradução do alemão ao francês por Jacques Derrida. Paris: PUF, 1962.
- _____. **Le problème de la genèse dans la philosophie de Husserl**. Paris: PUF, 1990.
- _____. **Posições**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- FINK, Eugen. *The Phenomenological Philosophy of Edmund Husserl and Contemporary Criticism*. In: ELVETON, R. O. **The Phenomenology of Husserl. Selected Critical Readings**. Tradução do alemão ao inglês por R. O. Elveton. 2ª edição. New York: Routledge, 2017.
- GANDILLAC, M. de; GOLDMANN, L.; PIAGET, J. (Orgs.). **Entretiens sur les notions**

compenetrado pelo sentimento de ser responsável por uma tarefa, no momento em que, nas conferências de Viena e Praga, e depois no meu artigo (*Die Krisis*), eu me exteriorizei pela primeira vez com uma espontaneidade tão completa e quando notei um começo fraco – é quando nesse momento devo interromper e deixar a minha tarefa inacabada. Precisamente agora que cheguei ao fim e que tudo acabou-se para mim, sei que devo recomeçar de novo desde o início...” (BIEMEL *apud* DERRIDA, 1990, p. 283, grifos do autor, tradução nossa). No original: « *Je ne savais pas qu'il fût si dur de mourir. Et pourtant je me suis tellement efforcé, tout au long de ma vie, d'éliminer toute futilité... ! juste au moment où je suis si totalement pénétré du sentiment d'être responsable d'une tâche, au moment où, dans les conférences de Vienne et de Prague, puis dans mon article (Die Krisis), je me suis pour la première fois extériorisé avec une spontanéité si complète et où j'ai réalisé un faible début – c'est à ce moment qu'il me faut interrompre et laisser ma tâche inachevée. Justement maintenant que j'arrive au bout et que tout est fini pour moi, je sais qu'il me faut tout reprendre au commencement...* »

- de genèse et de structure.** Paris: Mouton, 1965.
- GOLDSCHMIDT, Victor. **A religião de Platão.** Tradução de Ieda e Oswaldo Porchat Pereira. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- GUEROULT, Martial. **Descartes segundo a ordem das razões.** Tradução de Érico Andrade et al. São Paulo: Discurso Editorial, 2016.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- HUSSERL, Edmund. **A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental: uma introdução à filosofia fenomenológica.** Tradução de Diogo Falcão Ferrer. Rio de Janeiro: Forense, 2012.
- _____. **A filosofia como ciência de rigor.** Tradução de Albin Beau. 2ª edição. Coimbra: Atlântida, 1965.
- _____. **Erfahrung und Urteil.** *Untersuchungen zur Genealogie der Logik.* Hamburg: Felix Meiner Verlag, 1999.
- _____. **Formale und transzendente Logik.** *Versuch einer Kritik der logischen Vernunft.* (Hua XVII). Deen Haag: Martinus Nijhoff, 1974.
- _____. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura.** Tradução de Márcio Suzuki. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006.
- _____. **Investigações lógicas: investigações para a fenomenologia e a teoria do conhecimento.** Tradução de Pedro M. S. Alves e Carlos Aurélio Morujão. Rio de Janeiro: Forense, 2015.
- _____. **Logique formelle et logique transcendantale : Essai d'une critique de la raison logique.** Tradução do alemão ao francês por Suzanne Bachelard. Paris: PUF, 1957.
- _____. **Logische Untersuchungen. Zweiter Band. Erster Teil. Untersuchungen zur Phänomenologie und Theorie der Erkenntnis.** (Hua XIX/1). Deen Haag: Martinus Nijhoff, 1984.
- _____. **Meditações cartesianas e Conferências de Paris: de acordo com o texto de Husserliana I.** Tradução de Pedro M. S. Alves. Rio de Janeiro, Forense, 2013.
- _____. *Philosophie der Arithmetik.* (Hua XII). Den Haag: Martinus Nijhoff, 1970.
- LAWLOR, Leonard. **Derrida and Husserl: the basic problem of phenomenology.** Bloomington: Indiana University Press, 2002.
- MARCEL, Gabriel. **Être et avoir.** Paris, Aubier, 1935.
- MOURA, Carlos Alberto Ribeiro de. **Racionalidade e crise: estudos de história da filosofia moderna e contemporânea.** São Paulo: Discurso Editorial; Editora da UFPR, 2001.
- PEETERS, Benoît. **Derrida.** Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

- SALANSKIS, Jean-Michel. **Derrida**. Tradução de Carlos Dubois. São Paulo: Estação Liberdade, 2015.
- SANTIAGO, Silviano (Org.). **Glossário de Derrida**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- VAYSSE, Jean-Marie. **Dictionnaire Heidegger**. Paris: Ellipses, 2007.
- VILA, Javier Bassas. *Derrida antes de Derrida. Sobre la escritura y el origen dialéctico de la « diferencia »*. In: DERRIDA, Jacques. **El problema de la génesis en la filosofía de Husserl**. Tradução do francês ao espanhol por Javier Bassas Vila. Barcelona: Sígueme, 2015, pp. 295-318.